

*Cria, e terás com que exaltar-te
 No mais nobre e maior prazer.
 A afeiçoar teu sonho de arte.
 Sentir-te-ás convalescer.
 A arte é uma fada que transmuta
 E transfigura o mau destino.
 Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta.
 Cada sentido é um dom divino.*

– Manuel Bandeira –

Criação Literária

*Verde que te quiero verde.
 Verde viento. Verdes ramas.
 El barco sobre la mar
 y el caballo en la montaña.
 Con la sombra en la cintura
 ella sueña en su baranda,
 verde carne, pelo verde,
 con ojos de fría plata.
 Verde que te quiero verde.
 Bajo la luna gitana,
 las cosas la están mirando
 y ella no puede mirarlas.*

– Federico García Lorca –

RAYMUNDO LUIZ LOPES*

O ENCONTRO OU O QUE ESTAVA ESCRITO EM ALFA E ÔMEGA

Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. (Gênesis, 26)

Não sabiam de outros. Dois. Tão-somente dois. E, seguramente, não se tinham visto antes. Nem atinavam, naquele momento, para seus lados, posições. Ao derredor, nesgas de um teimoso verde. Ao léu da vida, parecendo crescer, nuvens, cinzas e brasas. Contudo, eles, os dois, puseram-se determinados. Olhar fixados, um no outro. Mirando-se, ameaçadoramente, apanharam, ambos, armas que abandonadas se encontravam –, modelando, cada um, o seu objetivo. Movimentando-se lenta e rigidamente, ora em círculo, ora em diagonal, assim ficaram, naquele teatro, o correspondente a sete horas matutinas e a sete horas noturnas. Certo instante, baixou, o mais alto, sua arma, seguido, de logo, pelo mais baixo. Devagar aproximaram-se. Respiraram-se. Corações batendo, peito a peito. Tocaram-se. Sentiram-se –, de carne e quentes. Apertaram-se – mãos e braços. E, confusamente, murmuraram. Quase ao mesmo tempo, sorriram. Depois, num átimo, gargalharam. Igualmente, abraçados e gargalhando, retiraram-se ao encontro dos deuses de seus assentimentos. Lá, no (oni)reduto – *paradisu* –, ergueram seus copos de *whisky* e de *vodka* e brindaram-se. O primeiro, quis com soda. O segundo, com coca-cola.

(*) Tem trabalhos publicados em *Sitientibus* desde seu primeiro número

ARAILTON ALEXANDRE PÚBLIO*

MANIFESTA

Anima em festa
Emana de Mênfis
Manifesta
Fina mania
Atesta
Poesia
Imana
A mente
Atrai
Folias
Falos
Falas
E fadas
Vadias
Vai ver que a testa
Presta-se
À prestidigitação
Hocus pocus
Abre-te, canção
Manifeste
A peste
Da Anti-alegorialização

(*) Nasceu em Urandi(BA), em 30-01-65. Reside atualmente em Feira de Santana(BA). Aluno do Curso de Letras da UEFS. Participa do grupo Gênesis constituído por alunos da UEFS – e tem alguns trabalhos publicados. Faz parte da Editoria do Jornal *Satyros*. É a primeira vez que publica em revista deste gênero.

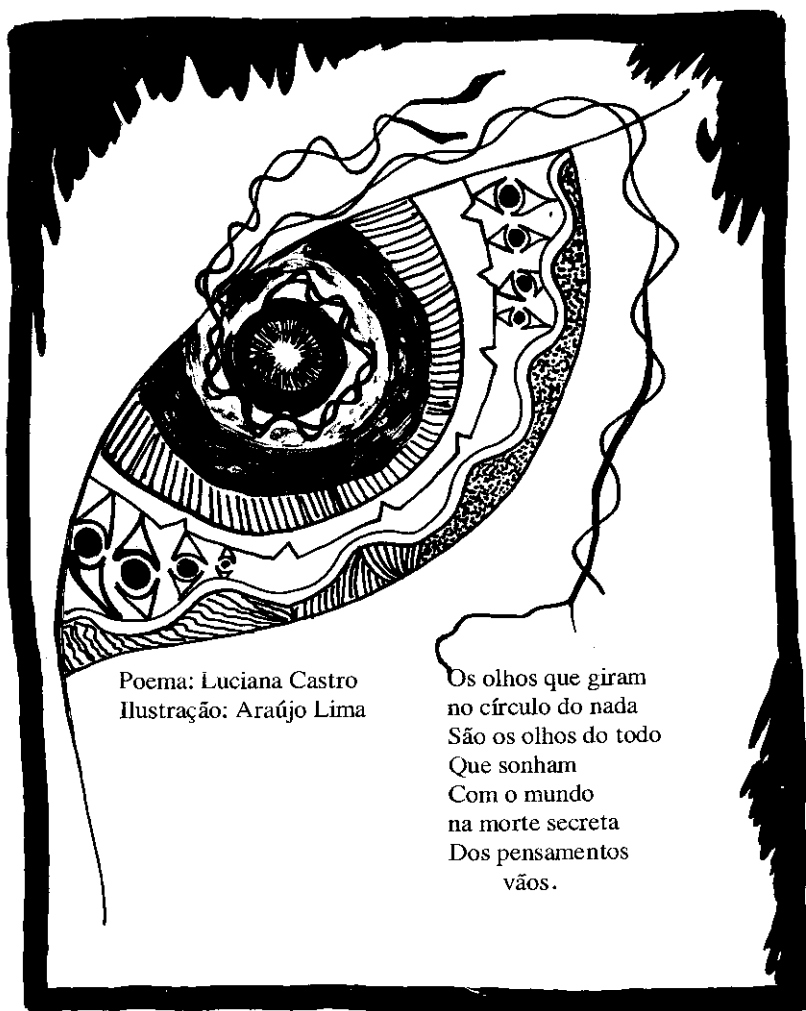
POESÍDIA

Se der tempo
 a gente se suicida
 Com a cidra de Sócrates
 Mas se não der
 a gente faz poesia
 Na pirâmide de Quéops
 Poesia, poesídia
 Desídia de quem ama
 Não me engano, não me engana
 Soda, sobra, sabre: amor
 Sou um marginal
 mas sobretudo
 Sou poeta
 Portanto:
 amador profissional

PURIFICAÇÃO

É preciso
 Que decepemos
 Nossas cabeças

 E atiremo-las
 Rumo às estrelas



Poema: Luciana Castro
Ilustração: Araújo Lima

Os olhos que giram
no círculo do nada
São os olhos do todo
Que sonham
Com o mundo
na morte secreta
Dos pensamentos
vãos.

José ARAÚJO LIMA Filho, Feira de Santana(BA), 21.04.1958. Estudante do Curso de Ciências Exatas. Tem alguns trabalhos publicados no Jornal Feira Hoje e na Revista Gênese. Faz parte do grupo editorial da Revista Cultural – Nós.
LUCIANA CASTRO. V.p 96

Sitientibus, Feira de Santana, 3(6):87-106,jul./dez. 1986

LEONEL

SONETO DE UM AMOR AGONIZANTE

Ó amada, tu que riste do meu pranto
Que sem trégua abate-me a alegria
Que queres de mim, mais, se só meu canto
É que me resta pra acalmar essa agonia?

Deusa régia, cantas a este teu escravo
Da tua ira; ele te há de servir e venerar
Que mal é esse que não merece um bravo
Que a ele venhas da prisão salvar?

Amada musa, que mais estranho amor
É esse teu, que mais fere e aumenta o corte
E que me deixa cabisbaixo em minha dor?

Diz-me, dona, decides qual a minha sorte
Se é paixão, que dela mereça o fervor
Se não, não me martirizes, dá-me a morte!

LEONEL Duarte Guimarães. Vitória da Conquista(BA), 21.07.64. Atualmente reside em Feira de Santana(BA). Aluno do curso de Engenharia Civil da UEFS. Praticamente inédito, tem apenas um poema publicado em *A Nova Poesia Brasileira* (Shogum Arte). Participa do grupo Gênesis.

Sitientibus, Feira de Santana, 3(6) :87-106.jul./dez. 1986

MEUS VINTE ANOS

Meus vinte anos me envelheceram muito
Pra me mostrar pr'o amor
Pra me espalhar a dor

E cultivaram meus amores
Talhados a sangue e ferro
Meus vinte anos me tornaram gasto
E me fizeram caminhar sozinho
Mostrando-me as coisas pelo caminho

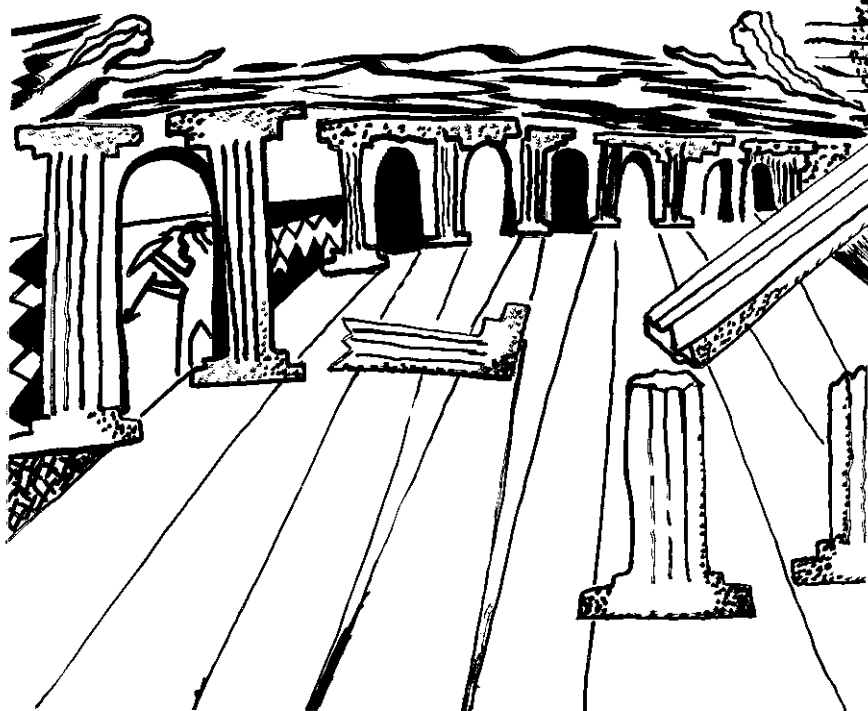
Me ensinaram a respeitar o tempo
Que tudo acaba, poderoso
Em vinte anos criei tantos filhos
E tantos deles não foram fortes
Se apaixonando pela morte

Se em todo esse tempo não morri
(como morrem os sonhos)
É porque meus vinte anos me reservam surpresas
De coisas perdidas
E me presenteiam vidas

E em pouco tempo
Meus vinte anos me levam
Pra mudar em vinte e outros anos.

Arte: Araújo Lima
Poema: Luciana Castro
*p/o amigo, professor
Raymundo Luiz Lopes*

Quero o amor de Zeus
na formosa Babilônia...
É verão
e os anjos não condenam
no verão.



LUCIANA CASTRO

PROFANO

P/Araújo Lima

Estou perdida no tapete verde
 um tanto morta de desejos,
 e estou quieta
 sim, estou quieta
 E creio haver em mim
 um ritmo cilíndrico
 de palavras
 longe da fuga hermética
 de mim mesma,

afinal,
 estou nas pálpebras
 desse rosto que contempla-me
 através da carne
 estendida no tapete,
 estou no retrato
 e em certas partes de nós
 que por efeito
 é necessário calar-se.

Já não respondo às lições
 de infância,
 Estou, pois
 longe dos afetos de menina
 e, como se há muito tempo
 dissolvendo uma dúvida
 rancorosa
 de estar
 ou não estar
 sonhando.

LUCIANA de CASTRO Oliveira. Estudante do curso de Letras. Participou de *Sitientibus* 3. Publicou, recentemente, o livro de poemas *Visão Poética*.

Sitientibus, Feira de Santana, 3(6):87-106, jul./dez. 1986

MARIA CRISTINA BRAGA FIGUEREDO*

RETRATO

Não sinto odores nem cores
 não sinto a parte que chora
 sem lágrimas retrato o rosto
 revelo a vida em pedaços
 negros
 brancos
 e a história.
 Quadrinhos quadrinham a vida
 especulam a jaula aberta
 nua mostram-na
 sem enredos
 sem fim
 sem estórias.

(*) Nasceu em Feira de Santana (25-02-57), onde reside. Licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa, pela UEFS. Prof. Auxiliar do Dep. de Letras e Artes. Lançou, em 1979, o livro de poemas – *Divagações* – através do programa Bolsa Trabalho/Arte – DVU.

QUERER I

Só queria me fazer
sentir e estar presente.
Só queria me fazer semente
e germinar na mente, crescer no coração
e enraizar na alma e tomar conta do corpo.

Queria tão-somente
suavizar o pranto, acompanhar o canto
e cantar encantos e me sentir feliz
sem porquês.

E tão simplesmente viver
Como todas as Marias
por essa vida ingerida – simplesmente;
Até mais não poder ser
e nem tocar a vida.

QUERER II

Queria o balanço e o laço
que me prendesse à vida.
Feneço em meu berço
solto-me, em meu colo
me esqueço.

Fustigo-me inteira
na chama fagulha
da satisfação ligeira.
E me encontro em pedaços
me busco os retalhos ...

Pedaços de mim
ao vento voam
e se perdem ao longe.

LAEL

Nosso vôo é incerto
 Distante
 Deserto
 Asas de arribação –
 Somos resquícios de luz
 Na penumbra do sonho
 Somos a dor da semente
 Que não sabe do chão

• • •

Deixa eu te amar
 assim
 no abstrato
 Para que o concreto
 Não nos faça em pedaços

• • •

José LAEL Rodrigues do Nascimento, Porto Real do Colégio (AL), 15.08.57. Aluno do Curso de Letras da UEFS. Faz parte do grupo Gênesis. Participante do Jornal do DCE, Revista Gênesis e Espaço Livre. É a primeira vez que publica em revista deste gênero. Reside atualmente em Feira de Santana(BA).

Donde o sol
 Donde a poesia
 Donde a suave
 canção
 Pensa-te, mulher!
 Donde o sorrir
 Donde o amigo
 Donde, mulher
 Não os abandone
 Please
 don't
 go.

• • •

Uma abelha
 manhã de orvalho
 Sugou-me a essência
 Foi-se...
 A mesma abelha
 retorna
 E torna-me
 O mel.

JOZAILTO LIMA

OS LOUCOS ETERNIZANDO

Lá vem Martim Pelado
 traçando um tempo
 com rastro de bunda no chão.
 Lá vem Moisés
 sambando em caixa de fósforo.
 Filósofo.

Lá vem Vero
 com sua recepção brandura
 e pedra se lhe tiram a calma.

Lá vem Maria – “ô esse minino” –
 com sua gula de feijão
 que nunca passa.

Lá vem Maninho
 esgarçando as tardes
 assustando meninos com seu medo.

Lá vão os loucos
 doidinhos
 rumo à eternidade
 que começa na rua do Pau do Leite.

A FLOR DE BRONZE

Uma flor de Bronze
 brotou em meu destino:
 cor Bronze
 odor Bronze
 pétala Bronze
 Bronze visão.

Uma flor de Bronze
 brotou em meu destino
 e eu todo corola e medo e amor.

JOZAILTO Oliveira Lima. Teve seus primeiros poemas publicados em *Sitientibus* 3. Alcançou o primeiro lugar no Concurso Literário das Universidades da Bahia (1985), com o livro *Canção de Mediamor*. Lança, neste semestre, *A Flor de Bronze e outros poemas de Mediamor*, cuja publicação conta, inclusive, com o apoio da UEFS.

ZÉ CLÁUDIO MATCER

MEDITAÇÃO

Vou caminhar não sei por onde
 Aqui tudo é vago ou pelo menos fica
 E assim vou avesso e meio
 Transladar angústias que sei
 Lamentar o tempo também
 Aquele que passou e não vi
 E me ofertara o pranto
 Vou cruzar infinitos tantos
 Redemunhar incerto e mudo
 Até que me encontre outra vez
 Talvez um gole quem sabe
 Me adormeça o corpo e então
 Me engane por algumas horas
 E quando cabisbaixo dormir
 E a chuva lavar-me a alma
 E o sonho acalmar-me o corpo
 Talvez inda não seja tarde
 Pra que eu me acorde à vida
 E retorne ao mundo
 E retome o rumo
 E grite o que se calou
 O que me apagou a voz
 Pois que me resta o direito
 Da palavra, do gesto e do s a n g u e...

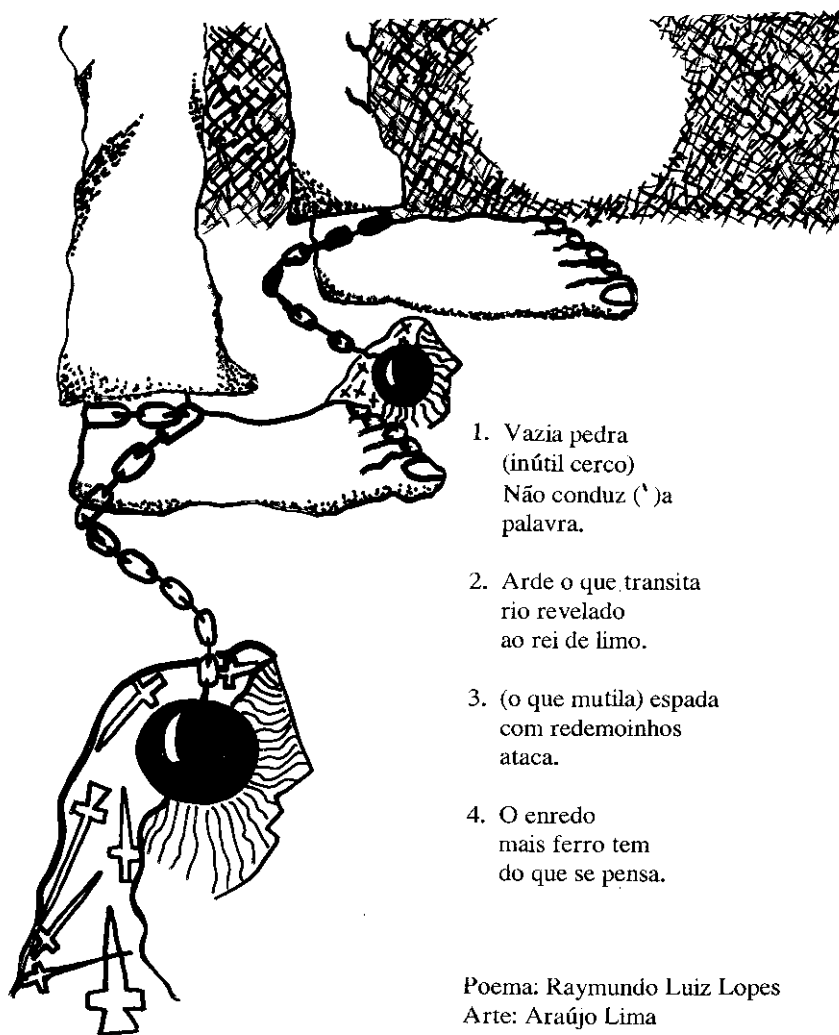
José CLÁUDIO MATos CERqueira. Feira de Santana(BA) - (21.04.65), onde reside. Aluno do Curso de Engenharia Civil da UEFS. Faz parte do grupo Gênesis e tem alguns poemas publicados.

Sitientibus, Feira de Santana, 3(6) :87-106,jul./dez. 1986

PALAVRAS

Atento ao desatino das palavras,
vou...
Que ineptas vagueiam entre as
sílabas.
Vulgares eu as sinto em mim
na boca
Como se pairassem soltas sem
serem ouvidas.
Insólito caminho agora cabisbaixo
e mudo.
Evitando-me, a letra aguça-me
o lado atômico.
Me instalo prestes à explosão
incerta e tanta.
Ou talvez, mais que pensando,
utópica.
Mas, o instante é de silêncio
e medo...

VARIAÇÕES EM QUATRO ANDAMENTOS*



1. Vazia pedra
(inútil cerco)
Não conduz (¹)a
palavra.
2. Arde o que transita
rio revelado
ao rei de limo.
3. (o que mutila) espada
com redemoinhos
ataca.
4. O enredo
mais ferro tem
do que se pensa.

Poema: Raymundo Luiz Lopes
Arte: Araújo Lima

(*) Para os amigos Fernando e Dora Alcoforado.

*Ao Grupo GÊNESIS
com o pedido
de perdão*

Bandeira
Bandeira poeta
Bandeira pendão
abanando o canavial
Bandeira marco de pano
marcando os dormentes
dos trilhos que mão paterna
vai estirando
pelo chão de Pernambuco
Cabo – Escada – Palmares – Garanhuns
por onde serpearia
o trem café com pão
de minha meninice
Bandeira de saudade
do poeta Bandeira

FS/6 de maio de 1986

Este poema foi escrito pelo Prof. José Jerônimo de Moraes, durante a palestra de Evandro Barrêto: “Passeando em Pasárgada com Manuel Bandeira”, nas Comemorações do Centenário de Nascimento do “Poeta de Pasárgada”.